



EDITORIAL

Encontramo-nos em pleno verão.

Tempo de férias, como é hábito dizer-se. E, assim, a nossa Academia reabrirá as portas no decorrer de setembro.

Férias palavra que tem sons diferentes para a população portuguesa, consoante a sua vivência económica e social.

Ficar em casa, ir até à aldeia, abraçar familiares imigrantes de regresso temporário ao nosso país, sentir-se mais só porque os vizinhos estão ausentes, recorrer às instituições de solidariedade social porque se precisa de alimentação todos os dias, apanhar um transporte a caminho duma praia, partir para uma aventura por terras desconhecidas...

Para os meus leitores será sempre ocasião de “olhar à volta” e descobrir a realidade humana que os envolve.

Mas eu continuo, com entusiasmo, a colaborar na construção da Academia. Uma novidade. Colegas participaram na construção do nosso novo site: acsslisboa.pt.

Descubram-no. Vão gostar.

Nesta edição do Boletim proponho-vos poemas e vários artigos, com pistas históricas que talvez desconheçam.

Que O Prazer da Leitura, numa pausa refrescante nos dias quentes estivais, seja um convite a pôr leituras em dia ou a descobrir novos autores.

Sugiro algumas que espero vos irão cativar

Desejo e estímulo o vosso interesse pelo Desafio Fotográfico que vos lancei em maio.

Para cada um de vós, e até ao meu regresso, desejo que voltem mais fortalecidos e com novos projetos de atividade. Convosco,

O Olhar do Mocho



DIAS DE VERÃO

Os dias de verão vastos como um reino
Cintilantes de areia e maré lisa
Os quartos apuram seu fresco de penumbra
Irmão do lírio e da concha é nosso corpo
Tempo é de repouso e festa
O instante é completo como um fruto
Irmão do universo é nosso corpo
O destino torna-se próximo e legível
Enquanto no terraço fitamos
o alto enigma familiar dos astros
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem
Como se em tudo aflorasse eternidade
Justa é a forma do nosso corpo

Sofia de Mello Breyner

Quando em silêncio
passas entre as folhas
uma ave renasce
da sua morte
e agita as asas
de repente;
tremem maduras
todas as espigas
como se o próprio dia
as inclinasse,
e gravemente,
comedidas,
param as fontes
a beber-te a face.



Eugénio de Andrade
in “As Mãos e os Frutos”



Morangueiro

O que vou contar parece inverosímil face às mudanças sociais, culturais, económicas, tecnológicas e políticas que, entretanto, se verificaram e continuam a verificar.

É bom recordar para atentar bem de onde viemos e para onde vamos.

Tinha este cronista 12 anos e nunca havia saboreado morangos nem sequer sabia o que eram diós-piros, kiwis, ananases, abacates, anonas e outras espécies que agora são comuns nos supermercados em todas as épocas do ano.

No inverno tinha algumas laranjas e tangerinas que caíam no chão porque as colhidas na árvore eram muito caras. Bananas, só quando alguém ia à cidade.

Na primavera já se colhiam peras, damascos e ameixas. Também havia maçãs riscadinhas que os palmelões vinham vender porta-a-porta.

No verão e no princípio do outono é que tínhamos fartura de figos e uvas.

Ora um belo dia primaveril, lembro-me como se fosse hoje, vi na montra da Frutaria Polar um morango vermelho, carnudo, atraente, fotogénico, provocante.

Custava dez tostões. Uma fortuna, naquela altura!

Guloso, como sempre fui, nesse dia não resisti. Sacrifiquei parte da quantia que tinha para o almoço e comprei o tal morango. Confesso que fiquei desiludido. Tinha-o imaginado muito doce e saiu um fruto meio ácido que, num ápice, desapareceu na minha ávida goela.

Era assim a vida!

Nas terras arenosas e galegas onde vivia, ainda não se dominava o regadio e a cultura dos morangos não era conhecida.

Os pobres consideravam os morangos como algo de sofisticado e coisa de gente fina. Bem sei, que esta prosa pode ser esquisita à luz das realidades atuais, mas tenham paciência! Apeteceu-me iniciar desta forma a crôniceta sobre o morangueiro.

Entre a extensa e variada literatura que existe sobre os morangos, escolhi o Caderno Naturista da coleção “Alimentos que Curam”, dirigido por Nicolas Capo do Instituto de Trofoterapia de Barcelona, publicado em 1971, na sua 2ª edição.



Logo na capa do pequeno caderno escreve o ilustre Professor: *O morango é muito medicinal e rico em vitaminas.*

Convém aos doentes do fígado, rins, estômago, da prisão de ventre, reumatismo, gota, anemia, doenças dos ovários, etc. É um manjar dos deuses, morangos com mel e natas; embeleza o rosto e a pele e é um elixir de juventude.

Parece estar tudo dito para que os morangos sejam mimados. Vamos, no entanto, aduzir mais alguns ensinamentos.

Acontece que a *Fragaria vesca*, espécie silvestre euroasiática é uma

herbácea perenifólia e estolonífera (com rizomas) da família das *Rosaceae*. Tem folhas tripartidas, com margens dentadas, levemente pilosas na parte de baixo. As flores hermafroditas, com cinco pétalas obovadas, são brancas e, por vezes, rosadas.

A polinização é feita por insetos, principalmente por abelhas e o período de floração é longo. Dizem os especialistas que o morango é tecnicamente um pseudofruto já que provém de um recetáculo floral desenvolvido que apresenta pequenos pontos verdes ou pretos e que são esses os verdadeiros frutos. A multiplicação da planta faz-se essencialmente através de estalões (guias) enraizados.

A tal *Fragaria vesca* com frutos muito pequenos, após sucessivas manipulações e cruzamentos genéticos originou as espécies híbridas que encontramos nos mercados. Há hoje mais de 20 espécies com ampla distribuição em zonas temperadas e subtropicais. Julga-se que a *Fragaria x ananassa* é a que gera morangos maiores e mais carnudos que não são necessariamente os melhores, mas como os olhos comem primeiro...

Os morangos contêm vitaminas B5, B6 e C, betacaroteno, fósforo, potássio, cálcio, ferro, selénio, magnésio, ácido fólico, cítrico e málico, pectinas, fibras, hidratos de carbono, antioxidantes...

Entre as propriedades medicinais, para além das já mencionadas, refere-se que são estimulantes do apetite, diuréticos, antirreumáticos, alcalinizantes, auxiliares da circulação sanguínea, fortalecedores dos ossos, redutores dos problemas cardiovasculares, têm ação anticancerígena, etc.

A infusão das folhas alivia inflamações e catarros respiratórios e em gargarejos afasta o mau hálito. O “chá” das raízes é bom para debelar problemas da boca e da garganta. reduzindo manchas e sardas.





Os morangos amassados fornecem ótimas cataplasmas para curar chagas, feridas e queimaduras.

Em banhos de imersão são calmantes.

Entram também na elaboração de cremes para a cutis, reduzindo manchas e sardas.

A infusão das folhas alivia inflamações e catarros respiratórios e em gargarejos afasta o mau hálito.

O “chá” das raízes é bom para debelar problemas da boca e da garganta.

Os morangos amassados fornecem ótimas cataplasmas para curar chagas, feridas e queimaduras.

Na culinária, especialmente na doçaria, os morangos são altamente versáteis. O professor Capó elenca no seu caderno algumas dezenas de receitas naturistas, recomendando que não convém comer morangos como sobremesa e não se devem misturar com hortaliças, saladas, gorduras, fritos, vinagre e bebidas alcoólicas.

Acrescente-se que as folhas tenras do morangueiro são comestíveis.



A terminar, uma precaução muito importante: sendo o morangueiro uma planta rasteira sempre em contacto com o solo, os seus frágeis frutos podem contaminar-se facilmente. Deste modo, convém ter muita atenção acerca da sua proveniência e preferir sempre os que são de cultura biológica.

Miguel Boieiro

Aproveita o Dia “CARP DIEM”

*Não deixes que termine sem teres crescido um pouco.
Sem teres sido feliz, sem teres alimentado teus sonhos.*

*Não te deixes vencer pelo desalento.
Não permitas que alguém te negue o direito de expressar-te, que é quase um dever.*

*Não abandones tua ânsia de fazer de tua vida algo extraordinário.
Não deixes de crer que as palavras e as poesias, sim podem mudar o mundo.*

Porque passe o que passar, nossa essência continuará intacta.

*Somos seres humanos cheios de paixão.
A vida é deserto e oásis.
Nos derruba, nos lastima, nos ensina, nos converte em protagonistas de nossa própria história.*

Ainda que o vento sopre contra, a poderosa obra continua,

tu podes trocar uma estrofe.

Não deixes nunca de sonhar,

porque só nos sonhos pode ser livre o homem.

Não caias no pior dos erros: o silêncio.

A maioria vive num silêncio espantoso.

Não te resignes, e nem fujas.

*Valorize a beleza das coisas simples, se pode fazer poesia bela,
sobre as pequenas coisas.*

Não atraíções tuas crenças.

Todos necessitamos de aceitação,

mas não podemos remar contra nós mesmos.

Isso transforma a vida em um inferno.

Desfruta o pânico que provoca ter a vida toda adiante.

Procura vivê-la intensamente sem mediocridades.

*Pensa que em ti está o futuro, e encara a tarefa com orgulho
e sem medo.*

Aprendes com quem pode ensinar-te as experiências daqueles que nos precederam.

Não permitas que a vida se passe sem teres vivido.

Walt Whitman (1819–1892) foi um jornalista, ensaísta e poeta americano considerado o “pai do verso livre” e o grande poeta da revolução americana.

Pesquisa de Mário Vitorino Gaspar



Negras Penas...

Durante dias e dias, de manhã bem cedo, o melro esvoaçava entre a japoneira que ladeava a parede do edifício em frente, e o espaço em redor.

Emitia um vocalizado ao sair do meio da folhagem e voltava com *materiais de construção* no bico: fiapos, gravetos, agulhas do pinheiro vizinho.

Um trabalho de par, porque são as fêmeas que constroem o ninho, usando o bico e as patas como alfaias, que o 'risco' da obra, esse, pertence à insondável natureza.

Depois ouvia o cantar da sinfonia inteira, junto com «vozes» de aves de outras espécies que se soltam das copas das árvores que ladeiam as ruas entre as casas.

Mais adiante o melro da japoneira voava sem parar, com o bico carregado de alimentos...para a ninhada oculta entre as folhas espessas.

O vai e vem das aves, cantos e chilreada, entram nas casas como bênção, no ritmo que as estações do ano, tão baralhadas, reclamam como boa para a criação...

Mas as mais criaturas humanas que ocupam os lugares seguem outras rotas e depredam o ambiente, ocupam com "dinossauros" (carros), cada sítio onde caiba mais um, sem espaço nas garagens.

Omnipresentes na paisagem, poluem os ares e pousam no espaço público e no que é comum (logradouros), num infernal círculo de progresso que não se questiona, que arreda crianças...porque gostam de jogar à bola ou andar de bicicleta, e é perigoso...

Mas, naquela manhã de sábado (13 de maio) uma mancha de penas negras jazia na porta da rua, perto da japoneira!

Um melro juvenil, de cauda mosqueada e imatura, asas abertas e colado ao chão tinha sido ceifado da sua curta vida.

Não havia sinais de ter sido abatido por *drone de asas* (gaivota), por felino de quatro patas. Só pode ter batido na frente de um *chaimite* (viatura), porque estava íntegro, intacto, um monte de penas naquele chão...

Uma pequena ave, a ousar um voo inaugural, *guerreiro* frágil a sonhar azuis e infinitos... libertando-se do ninho pequeno demais para os ocupantes, nessa ânsia de sentir a vida.

Quem sabe se, como todas as aves, ele apenas queria sentir a carícia do vento...

. Glória Silva

PENSANDO AO RITMO DOS ACONTECIMENTOS

Cada pássaro, cada árvore, cada flor lembra-nos como é uma bênção e um privilégio estarmos vivos.

Pensamos que as aves em gaiolas cantam, quando na verdade choram.

O pássaro que arrisca cair é o pássaro que aprende a voar.

Um pássaro sentado numa árvore nunca tem medo que o galho se quebre, porque a sua confiança não está no galho mas em suas próprias asas. Acredite sempre em si.

A responsabilidade social e a preservação ambiental significam compromisso com a vida.

À DESCOBERTA DO UNIVERSO

JÚPITER E SUAS LUAS



A realidade da nossa vida impede-nos, com frequência, de “voar” para além do quotidiano.

Estarmos com os pés bem assentes no solo, lança-nos interrogações sobre uma parte do universo que visualizamos “lá em cima”, brilhante de sol, ou carregado de nuvens escuras e densas, com chuvas fortes ou trovoadas.

Apreciamos olhar a lua com suas fases, que gostamos de observar nas noites límpidas, bem como Vénus cuja luz conseguimos enxergar.

É a nossa aproximação ao universo possível.

Mas há tanto caminho para percorrer...

Dizem os cientistas que JÚPITER, o gigante entre os planetas do sistema solar, poderá possuir entre 12 a 92 luas, sendo possível que, pelo menos duas, possuam oceanos de água gelada na sua profundidade.

Um programa europeu com capacidades intelectuais e financeiras, identificado como JUICE, prevê que até 2031 venha a obter resultados desta investigação, cuja sonda foi lançada no passado mês de abril.

Cientistas de 22 países investigam, em equipa, o referido programa. Entre eles um português - Bruno Sousa - é o diretor de voo da missão. da ESA - Agência Espacial Europeia - que, a partir da Terra, se debruçará em especial sobre a investigação da lua “Ganimedes” considerada como possuidora de um potencial ambiente habitável, porque várias condições de “vida” poderão estar nela presentes.

Haverá tanto percurso científico a percorrer até 2031!

É mais um passo da investigação humana rumo ao infinito que, para já consideramos indecifrável.

Maria Palmira Lopes

VOZES DE LUTA E DE ESPERANÇA

Numa recente intervenção o Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres, afirmou:

“A paz nunca se deve subestimar nem dar-se por garantida. Temos de trabalhar por e para ela, todos os dias sem descanso. Num mundo que se está a despedaçar, devemos sanar as divisões, prevenir as escaladas, ouvir as queixas.

Em vez de balas, precisamos de **arsenais diplomáticos**.

É preciso reafirmar o primado da paz entre os homens, mas também o da paz com a natureza.

O caos climático está a pôr em perigo a própria sobrevivência da humanidade e causa fenómenos que deslocam milhões de pessoas e exacerbam tensões e inflamam conflitos.

Atuar em defesa do planeta é atuar pela paz.

Precisamos de unidade e coragem.

É o momento de exigir o direito à vida, à liberdade, à segurança, à liberdade de expressão, ao direito a solicitar asilo.

A União Europeia é fronteira e não ilha.

Há que reconstruir a confiança, baseada na justiça e na solidariedade.

Hoje, mais do que nunca, no nosso mundo fraturado, construir pontes é a única opção”.

*O QUE VAIS FAZER AMANHÃ?
O QUE VAIS MESMO FAZER AMANHÃ
QUE POSSA SER DIFERENTE, QUE POSSA
MARCAR A TUA PRESENÇA AQUI ?*

*José Cardoso Pires,
in “Anjo Ancorado”*



ENCONTROS CULTURAIS

VISITA À VILA DE OEIRAS

Em maio, eu e a nossa colega Isabel Pereira, inseridas num grupo habitual de visitas guiadas, fomos conhecer o Castro de Liceia, situado entre Oeiras e Barcarena.

À saída do comboio esperava-nos uma carrinha da Câmara Municipal de Oeiras com uma guia para fazermos um trajeto pela parte nova de Oeiras onde estão instaladas, em grandes espaços com muitas árvores e jardins, várias empresas de serviços e universidade, sem esquecer o Parque dos Poetas com suas 60 estátuas, personificando autores do século XVI até ao século XX.



Fomos então para o povoado de Liceia.

Nele existe um conjunto arqueológico, datado de há 3 500 anos a.C, considerado o maior da Europa. Não se encontra todo escavado, mas calcula-se que foi habitado por cerca de 200 pessoas. Situa-se junto ao que foi o rio de Barcarena, hoje ribeira, que desagua no Tejo, frente ao Bugio onde se liga ao Oceano Atlântico.

Estão visíveis três muralhas que circundavam o local, portas de entrada, habitações e vários celeiros escavados no subsolo, que irão ser tapados para ficarem protegidos de assaltos.

Também foi descoberta uma lixeira, o que não era muito normal na época. Aí encontraram-se ossos de vários animais, que foram analisados. Assim, sabemos que a sua alimentação era diversificada, incluindo peixes e moluscos. Outros restos eram tratados e serviam para a agricultura.

Seguimos para a “Fábrica da Pólvora de Barcarena”, onde almoçámos num dos restaurantes que

existem dentro deste antigo complexo industrial.

Visitámos alguns dos pavilhões transformados em museus. Num deles estão maquetas do Castro e vitrinas com objetos arqueológicos do local e outros com peças de várias épocas encontradas no concelho de Oeiras.

Num outro pavilhão vimos um pequeno vídeo com explicações e fotografias dos trabalhadores da Fábrica.

Numa outra sala existe a maqueta de toda a área da implementação da fábrica.

Em exposição uma enorme máquina que servia para o fabrico da pólvora, um carro muito antigo dos Bombeiros Voluntários de Barcarena. Tinha que estar sempre em prontidão para atuar em caso de emergência de incêndio.

Exposto também um depósito de água.

Toda a área da antiga fábrica foi utilizada para proveito público, com a maior parte destinada a construção.

A fachada de entrada da fábrica está bem preservada.

Lateralmente, tem um grande painel de azulejos mostrando trabalhos fabris exercidos e a data 1540/1940.

A unidade fabril foi encerrada em meados dos anos 80.

No exterior do complexo, no chão, há um enorme Relógio de Sol que funciona sempre.

Existe um outro bem mais pequeno na esquina de um pavilhão.

Os fornos de cal também se encontram preservados.

Regressámos por Porto Salvo, igualmente com grandes edifícios, de várias empresas de serviços, rodeados de jardins e arvoredo,

É uma imagem refrescante para quem passar de visita por estes locais.

Oeiras tornou-se, nos últimos anos, de zona industrial numa nova região de serviços.

Maria de Jesus Silva



Dia Mundial do Meio Ambiente E da Ecologia



5 de Junho

Dia de REPENSAR

O Dia Mundial do Ambiente é celebrado todos os anos a 5 de junho.

É um evento anual que tem como objetivo assinalar ações positivas de proteção e preservação do ambiente alertando as populações e os governos para a necessidade de salvar o ambiente.

Esta celebração teve início em 1972.

A data de 5 de junho foi escolhida para festejar o dia em que teve início a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente.

Todos os anos, as Nações Unidas apresentam um tema, que serve de ponto de partida para o desenvolvimento de ações de celebração, em mais de 100 países, com variadas atividades programadas em função desse tema.

Os eventos visam apresentar novas formas e métodos de preservar o futuro da humanidade, seja através de ações individuais dos cidadãos ou coletivas.

Nas escolas esta data assume especial importância, com a chamada de atenção para a preservação do meio ambiente junto das crianças e jovens.

Este dia incentiva assim as pessoas, estimulando o desenvolvimento de ações que causem um impacto positivo no meio ambiente.

**Em 2023, o tema central da data
é a Poluição Plástica.**

Trata-se duma grave questão que afeta o meio ambiente em todo o mundo, sendo de extrema importância encontrar soluções para combatê-la.

Em 24 de maio, na sede da Unesco, em Paris, estiveram reunidos representantes de 165 países procurando elaborar o 1º Tratado Global para lutar contra a poluição causada pelo plástico que invade rios e oceanos. Tratado que se espera estar concluído em 2024.

Sem medidas preventivas este número poderá triplicar até 2060.

A resolução, juridicamente vinculativa, aborda o ciclo de vida completo do plástico.

O Tratado deve incluir uma série de disposições técnicas, como promover a produção e o consumo sustentáveis de plásticos, desde o design do produto até a gestão ambientalmente correta de resíduos.

Atualmente são lançados no mercado, todos os anos, cerca 460 milhões de toneladas de plástico, sendo dois terços de uso único.

A poluição plástica é uma grande ameaça aos ecossistemas, ao clima e ao bem-estar humano.

Globalmente, 46% dos resíduos plásticos são depositados em aterros, 22% são mal geridos e transformam-se em lixo, 17% são incinerados e 15% são coletados para reciclagem, com menos de 9% realmente reciclados.

A poluição plástica marinha aumentou 10 vezes desde 1980, afetando pelo menos 267 espécies animais, incluindo 86% das tartarugas marinhas, 44% das aves marinhas e 43% dos mamíferos marinhos. A poluição do ar e do solo também está aumentando.

De acordo com um estudo do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), anualmente, mais de 14 milhões de toneladas de plástico entram e danificam os ecossistemas aquáticos.





Espera-se que as emissões de gases de efeito estufa, associadas aos plásticos, representem até 2050, 15% do total de emissões permitidas se a humanidade limitar o aquecimento global a 1,5°C.

Na agricultura, o seu aumento contamina o solo, pode ameaçar a segurança alimentar e ter impacto na saúde humana

Eliminar resíduos plásticos dos oceanos até 2050 foi um dos compromissos assinados na declaração final da Conferência dos Oceanos das Nações Unidas, que no ano passado teve lugar em Portugal.

O texto menciona a prevenção, redução e eliminação do lixo plástico marinho, incluindo plásticos de uso único e microplásticos, por meio da reciclagem.

Na nossa alimentação poderemos estar diariamente a ingerir plástico,

Pode passar para o nosso sangue e sistema linfático e acabar nos nossos órgãos.

Estas partículas de plástico são como pequenas bombas-relógio, à espera de se partirem em pedaços pequenos, o suficiente para serem absorvidas por animais ou por pessoas e causarem consequências danosas através da cadeia alimentar.

O plástico localizado nos oceanos decompõe-se em microfragmentos que são ingeridos pela fauna marinha, o que faz com que cheguem à nossa alimentação com consequências ainda desconhecidas para a saúde humana.

Em 2016, de acordo com um estudo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação (FAO), 800 espécies de moluscos, crustáceos e peixes já sabiam o que era comer plástico.

Ou seja, sem de tal termos consciência, poderemos estar saboreando uma refeição em que o plástico faz parte dos seus ingredientes.



CARTA

AO MAR

Deixa escrever-te,
verde mar antigo,
largo Oceano,
velho deus limoso,
Coração sempre lyrico,
choroso,
E terno visionário, meu
amigo!

Das bandas
do poente lamentoso
quando o vermelho sol vai
ter contigo,
nada é mais grande,
nobre e doloroso,
Do que tu,
vasto e húmido jazigo!
Nada é mais triste, tragico
e profundo!

Ninguém te vence
ou te venceu no mundo!...
Mas também, quem
te pode consollar?!

Tu és Força, Arte, Amor,
por excellencia!

E, contudo, ouve-o aqui,
em confiança;
A Musica é mais triste
inda que o Mar!

António Gomes Leal,

in "Claridades do Sul"



PERCORRENDO A HISTÓRIA

PORTUGAL A FÁBRICA DA SEDA

Continuamos a percorrer a rota da Seda.

A indústria da Seda em Portugal foi fomentada a partir do século XVI, quando as rotas orientais perderam importância, devido à descoberta do caminho marítimo para a Índia.

No reinado de D. João V foi implementada, em Lisboa, uma Fábrica de Sedas por iniciativa do cidadão francês Robert Godin. Primeiro situou-se na Fonte Santa, depois na Rua de S. Bento e, mais tarde no Largo do Rato.

No alvará que autorizava a sua instalação eram concedidos diversos privilégios e expressas as condições para o seu funcionamento.



Esta fábrica e a sua atividade física ficaram marcadas na toponímia da capital, onde se podem encontrar a Praça das Amoreiras e a Rua da Fábrica das Sedas.

Em volta da fábrica, na Praça das Amoreiras, foram rasgadas diversas ruas e edificadas construções destinadas a residência dos operários e seus aprendizes que trabalhavam na fiação.

Por dificuldades financeiras dos fundadores da fábrica, a administração passou para as mãos do governo.

O Marquês de Pombal também lhe prestou atenção, conferindo privilégios e regulamentos e criando a Direção Geral da Fábrica das Sedas. Fomentou a plantação de amoreiras, o que permitiu o desenvolvimento de regiões sericícolas em Portugal, nomeadamente em Trás-os-Montes.

A partir dessa época, a fábrica deixou de ser uma unidade manufatureira tradicional, passando a adotar um sistema de trabalho misto, oficial e doméstico, chamando a si apenas a comercialização da produção.

Foi assim favorecido o desenvolvimento de outras atividades industriais, o que dinamizou o tipo de

aprendizagem dos profissionais e a forma como as manufaturas se iam instalando.

A Fábrica das Sedas foi a primeira unidade onde foi efetuado o desenvolvimento em direção a processos modernos de organização fabril, que se afastavam do tradicional processo cooperativo, incompatível com as necessidades de um Estado moderno.

Contudo, quando esta lógica se espalhou pelo resto do país, já a Inglaterra tinha acrescentado um novo elemento ao ritmo industrial, ou seja, a máquina a vapor.

Foi o início do declínio da fabricação de seda no nosso país,

Em 1807, a saída da família real e de parte da nobreza para o Brasil, devido às invasões francesas, a abertura dos portos brasileiros e a autorização do fabrico de sedas naquele país, bem como em 1810 o contrato de comércio com a Inglaterra, levaram à decadência da fábrica de Lisboa e à sua venda em hasta pública.

Em outubro de 1877, um grupo de proprietários e de moradores da travessa da Fábrica das Sedas solicitou providências para melhorar aquele local, uma vez que não existia canalização e os despejos eram lançados para a rua, como era prática corrente na cidade, devido à ausência de instalações de saneamento.

Criada em 1990, a Fundação Harpad Szenes-Vieira da Silva adquiriu o edifício da fábrica, procedendo às obras de recuperação do espaço.

Em 1994 foi inaugurado o Museu onde está instalado, a título permanente, um espólio de cerca de Três mil e duzentas obras da coleção dos dois artistas, que inclui pintura, desenho, gravura e fotografia, bem como diversas exposições temporárias de pintores nacionais e estrangeiros, com afinidades àqueles dois artistas. Possui também um Centro de Documentação e Investigação.





A GRAVATA

100 ANOS DE HISTÓRIA

A sua história tem origem nos guerreiros da dinastia Quin no século III a.C. Estes usavam uma tira de tecido à volta do pescoço para representar o prestígio dos homens que acompanhavam o imperador.

Pela mesma altura existia um símbolo semelhante na Pérsia, que era uma das maiores potências político-militares do Médio Oriente.

Era um ornamento usado pelos imperadores, na coroa ou à volta do pescoço.

Segundo um investigador terá sido o verdadeiro antepassado da gravata europeia.

Mais tarde, quando os “maniqueístas” - uma comunidade religiosa - , foram expulsos da Pérsia, dirigindo-se para a Croácia, levaram consigo esse hábito.



Este também chegou a Roma, cujos soldados usavam uma faixa de algodão ou linho à volta do pescoço, para se protegerem das consequências das armaduras que usavam.

Durante alguns séculos não se conheceram novas evoluções.

Quando ocorreu em França, no século XVII, a guerra dos 30 anos, voltou a surgir o lenço no pescoço dos mercenários croatas.

Normalmente eram encarnados e colocados pelas suas mulheres quando partiam para a guerra, como símbolo de amor e fidelidade.

Quando milhares de soldados e cavaleiros

chegaram a Roma, para dar apoio ao Rei Luis XIII, estavam em grande número soldados croatas com o seu traje tradicional que incluía o lenço ao pescoço.

Estes ficaram conhecidos como “cravates”, uma corruptela de “cravati” que significa povo croata.

A corte de Luís XIV seguiu o exemplo, substituindo os grandes cola-



nhos de renda, por lenços, igualmente de renda à volta do pescoço.

Quando da revolução industrial os lenços foram substituídos por outros tecidos, chegando aos donos das fábricas e operários.

Em 1924, o americano J. E. Langsdorf teve a ideia de fazer uma gravata com pedaços de tecido, cortando a ponta num bico com 45 graus. A sua invenção foi patenteada e alterada uns anos mais tarde com melhorias.



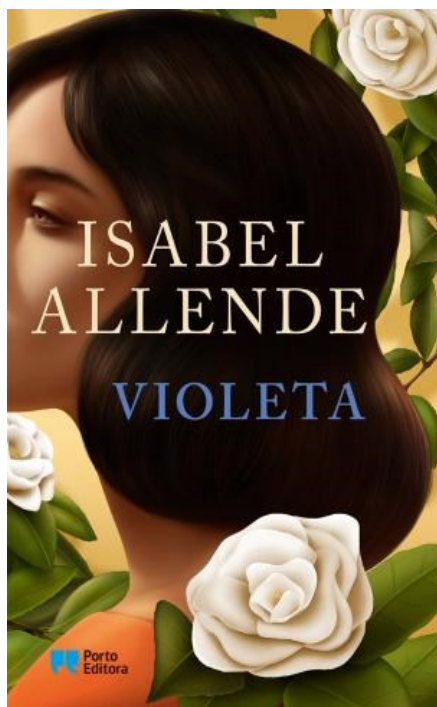
A gravata, embora não tendo utilidade, passou a fazer parte do guarda roupa masculino.

**Em 2024
celebrará 100 anos.**

Maria de Jesus Silva

Síntese de Livros que poderão ser bons companheiros culturais durante o verão.

Boas e agradáveis leituras.



Violeta del Valle é a primeira rapariga numa família de cinco irmãos truculentos.

Nasce num dia de tempestade, em 1920, quando ainda se sentem os efeitos devastadores da 1ª Grande Guerra e a gripe espanhola chega ao Chile, seu

país natal.

Graças à ação determinada do pai, a família sairá incólume desta crise, apenas para ter de enfrentar uma outra: a Grande Depressão.

A elegante vida urbana que Violeta conhecia, até então, muda drasticamente.

Os Del Valle são forçados a viver numa região selvagem e remota, onde Violeta atinge a maioridade e viverá o seu primeiro amor.

Décadas depois, numa longa carta dirigida ao seu companheiro espiritual, o mais profundo amor da sua longa existência, Violeta lembra desgostos amorosos e apaixonadas relações, momentos de pobreza e de prosperidade, perdas terríveis e alegrias imensas. A sua vida será moldada por alguns dos momentos mais importantes da História: a luta pelos direitos da mulher, a ascensão e queda de tiranos, os ecos longínquos da Segunda Guerra Mundial.

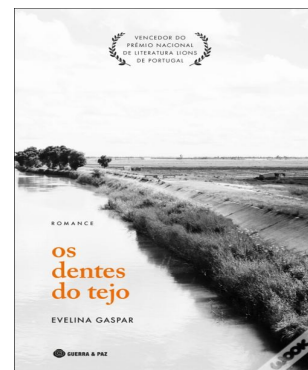


Evelina Gaspar neste seu romance, situado numa vila ribatejana, lança-nos uma pergunta.

Haverá uma idade certa para conhecer o amor?

Dois adolescentes vivem um primeiro romance pleno de sensações em

que um rio, uma figueira e uma capela batida pelo vento se transformam nas únicas testemunhas desta aventura juvenil.



Eduardo Paz Ferreira conduz-nos à Idade da Reforma na Sociedade da Eterna Juventude.

Talvez nos identifiquemos na reflexão deste professor e jornalista de 70 anos, ativista na luta pela liberdade de imprensa.

Uma viagem pelos mitos, mentiras e aventuras da História de Portugal... e não só.

Leitura em que nos confrontamos com figuras históricas, lendas e mitos de acontecimentos que se têm considerado reais, e que através do jornalista Rui Cardoso, somos colocados perante opiniões que ao longo dos tempos se consideraram verídicas.

Terá o autor razão? Qual a nossa opinião?





ARCO DO TRIUNFO



MAIS UM POUCO DE HISTÓRIA

O projeto inicial continha mais dois arcos. Um sobre a Rua do Ouro e outro sobre a Rua da Prata. Isto na senda dos antigos arcos romanos.

O arco principal era só para a passagem do imperador e da sua comitiva. Os laterais para os soldados e o povo.

O projeto acabou por não ser aceite, o que levou à demolição do primeiro arco triunfal por ter o Marquês de Pombal como estátua principal.

D. Maria I só pôde reagir depois da morte de seu pai.

Foi uma vingança sobre o Marquês e a condenação à morte do seu confessor, Padre Malagrida, bem como sobre o processo dos Távoras.

A estátua que está no centro do Terreiro do Paço, ficou apenas com uma pequena efígie do Marquês na coluna de pedra do suporte à estátua de D. José, mas virada para o Rio Tejo.

Pequenas vinganças ocorridas ao longo da história de Portugal.

Maria de Jesus Silva

FICHA TÉCNICA

Diretor

Mário Bernardo

Edição 85 / Colaboradores

Glória Silva

José Carlos Ferreira

Maria de Jesus Silva

Maria Palmira Lopes

Mário Bernardo

Mário Vitorino Gaspar

Miguel Boieiro

Composição Gráfica e Revisão

Maria Palmira Lopes

Local de Atividades

Centro Cívico Edmundo Pedro

Rua Conde de Arnoso 5-B

1700-112 Lisboa

Telefone

910962028

Site

acsslisboa.pt

E-Mail *acsslisboa@sapo.pt*

*Com o apoio da
Junta de
Freguesia
de Alvalade*



ORAÇÃO INDÍGENA DO SILÊNCIO

Sente-se à beira do **AMANHECER**;: O SOL NASCERÁ para si.

Sente-se à beira da **NOITE**: AS ESTRELAS BRILHARÃO para si.

Sente-se à beira do **RIO**: O ROUXINOL CANTARÁ para si.

Sente-se à beira do **SILÊNCIO**: DEUS VAI FALAR com você!!.